

RITUALISTICA UMBANDISTA, CANDOMBLECISTA, Terecozeira, DA ENCANTARIA E PAJELANÇA AMAZÔNICA E AS CASAS/TERREIROS DE PALMAS

THE RITUALISTIC OF UMBANDA, CANDOMBLÉ, AND TERCÔ, FROM THE AMAZON ENCHANTMENT AND PAJELANÇA AND THE HOUSES OF WORSHIP/TERREIROS OF PALMAS

Damião Rocha 1
Valtuir Soares Filho 2

Resumo: O trabalho resulta das pesquisas com minorias sociais desenvolvidas no PPGE/UFT e dos estudos da diáspora negra no curso Educação Intercultural na Amazônia. Objetiva pôr em debate com os pesquisadores dos estudos culturais nortistas, pesquisadores negros e quilombolas e dos da área da educação, a ritualística das águas sagradas de rios, mares e cachoeiras, das Yalorixás, Babalorixás das religiões de matrizes africanas. Ao refletirmos a ritualística umbandista, candomblecista, terecozeira, da encantaria e da pajelança cabocla e indígena amazônica, queremos dar visibilidade a estas religiões que tem sempre ficado à margem do debate do fenômeno religioso, muito em função do preconceito e da intolerância religiosa. Resulta de pesquisa qualitativa de revisão da literatura e uma amostra numérica preliminar das casas e terreiros do município de Palmas. Nos resultados parciais, chamamos a atenção para o quanto há de efervescência religiosa na capital do Tocantins, com eventos, festejos, marchas, folias, assim como o número expressivo de entidades e organizações evangélicas, batistas, neopentecostais, católicas, em detrimento do pequeno número de casas e terreiros, representada por uma federação, mas sem a regularização de todas as casas e terreiros das religiões de matrizes africanas.

Palavras-chave: Casas e Terreiros de Palmas. Eventos Religiosos Palmenses. Educação Intercultural na Amazônia.

Abstract: The work results from research with social minorities developed at PPGE / UFT and studies of the black diaspora in the Intercultural Education in the Amazon. It aims to debate the researchers of northern cultural studies, black and quilombola researchers and those in the field of education, the ritualistic of the sacred waters of rivers, seas and waterfalls, of the Yalorixás, Babalorixás of African-based religions. In reflecting the Umbanda, Candomblecist, Terecozeira rituals, the enchantment and the Cabocla and indigenous Amazonian pajelança, we want to give visibility to these religions that have always been on the margins of the debate on the religious phenomenon, largely due to prejudice and religious intolerance. It results from qualitative research of literature review and a preliminary numerical sample of houses and terraces in the municipality of Palmas. In the partial results, we call attention to the amount of religious effervescence in the capital of Tocantins, with events, celebrations, marches, revelries, as well as the expressive number of evangelical, Baptist, neo-Pentecostal, Catholic entities and organizations, to the detriment of the small number of houses and terraces, represented by a federation, but without the regularization of all houses and terraces of religions of African origin.

Keywords: Palmas Houses and Terraces. Palmense Religious Events. Intercultural Education in the Amazon.

Pós-doutor em Educação pela Universidade Estadual do Pará (UEPA). Docente do Doutorado em Educação na Amazônia UFPA e do PPGE/UFT. Professor da disciplina Educação Intercultural na Amazônia. Sócio Anped GT 12- Currículo. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9799856875780031>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5788-7517>. E-mail: damiiao@uft.edu.br

Doutorando em Ambiente e Desenvolvimento pela Univates. Mestre em Ambiente e Desenvolvimento pela Univates. Membro da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as – ABPN. Docente do curso de Ciências Contábeis UFT. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1054733110692916>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6134-8383>. E-mail: valtuir@uft.edu.br

Introdução: algumas falas sobre a cultura afro-brasileira

“Odô, axé odô, axé odô, axé odô. Odô, axé odô, axé odô, axé odô. Isso é pra te levar no ilê. Pra te lembrar do badauê. Pra te lembrar de lá. Isso é pra te levar no meu terreiro. Pra te levar no candomblé. Pra te levar no altar. Isso é pra te levar na fé. Pois Deus é brasileiro. Muito obrigado axé [...]. Quanto mais. Pra quem tem Ogum, missão e paz. Quanto mais. Pra quem tem ideais e os orixás [...]”. Iniciamos com essa melodia, assim como tantas outras, que retratam cada vez mais a visibilidade da religião dos Orixás; nessa música interpretada por Ivete Sangalo. Todavia a intolerância religiosa é uma constante no Brasil a fora.

Exu, Ogum, Oxossi, Nanã, Obaluaê. Oxumarê, Erinlé, Logun Edé, Otim, Ossaim, Iroco, Orixá Oco, Oro, Oquê, Ewá, Xangô, Iansã, Oba, Oxum, Iá Mi Oxorongá, Ibejis, Iemanjá, Olocum, Onilé, Ajê Xalugá, Oduda, Oranã, Orunmilá, Ajalá, Oru, Oxaguiã, Oxalá: a religião dos Orixás, pois Macumba é o nome de um instrumento musical de percussão utilizado nas festividades das religiões afro-brasileiras, talvez por isso, pejorativamente, se atribui aos seus praticantes a denominação de macumbeiro.

Candomblé, Xangô e Batuque são variantes de rituais da religião dos Orixás no Brasil. A religião com/dos Orixás, divindades da cultura Iorubá ou Nagô, consolidou-se em território brasileiro entre os meados do século XIX e o início do século XX como expressão cultural de escravos, negros livres e seus descendentes quilombolas, em meio ao racismo estrutural.

O racismo enquanto elemento estruturante das relações de poder é parte da formação histórica do Brasil. A formação política do país tem na sua constituição atos extremos de violência e desumanização dirigidos contra negras e negros, a exemplo da diáspora africana e da escravidão negra. Neste processo de formação histórica, os quilombos configuram-se como símbolos da resistência e da insurgência negra, na sua origem, fundados como estratégia de enfrentamento ao sistema escravocrata. Violência radical, insurgência e resistência integram um permanente estado de tensão vivido histórica e ininterruptamente pelas pessoas negras no Brasil (SILVA e DEALDINA, 2018: 16).

A palavra “Quilombo” de origem africana, atualmente refere-se a comunidades quilombolas, povoadas por grupos étnicos, geralmente de população negra rural ou urbana, descendentes de pessoas que foram escravizadas, que se auto definem a partir das interrelações com a terra, com as águas, o parentesco, o território, a ancestralidade, as tradições e suas práticas culturais.

As pesquisas apontam que nas comunidades quilombolas há o predomínio de três religiões: “o catolicismo, o candomblé e o evangelismo”. Há incidência maior ou menor de uma ou outra religião que varia de comunidade para comunidade quilombola.

O Candomblé e a Umbanda são as duas manifestações religiosas de origem africana mais difundidas no Estado do Tocantins. Nesse sentido é importante entender a Cultura afro-brasileira como o conjunto de manifestações culturais predominantes no Brasil, formada a partir da junção de elementos da cultura dos povos africanos que foram trazidos como escravos para o país durante o período colonial.

Já o Terecô é a denominação dada à religião afro-brasileira tradicional de Codó, uma das principais cidades maranhenses, localizada na zona do cerrado, na bacia do rio Itapecuru, numa região próxima à capital São Luiz.

Além de muito difundido em outras cidades do interior e na capital maranhense, o Terecô é também encontrado em outros estados, integrado ao Tambor de Mina ou à Umbanda. É também conhecido por “Encantaria de Barba Soêra” (ou Bárbara Soeira), por Tambor da Mata, ou simplesmente Mata (possivelmente em alusão à sua origem rural).

A Pajelança é outra forma ritualística nativa bem característica da Amazônia, tipicamente indutiva, atuando sobre qualquer elemento vivo e mantendo estreita relação com os demais

reinos da natureza: mineral, vegetal e animal. É praticada por curandeiros (principalmente pelos pajés amazônicos), com base no xamanismo indígena.

A Encantaria é mais uma forma de manifestação espiritual e religiosa afro-ameríndia, praticada sobretudo no Piauí, Bahia, Maranhão e Pará. Pode estar associada a diversas religiões presentes nesses estados, como a Pajelança ou Cura, ou o Terecô. No Brasil,

Ao lado dos movimentos indígenas, vêm se desenvolvendo os movimentos étnicos, principalmente dos afro-brasileiros. A identidade afro-brasileira vem

se afirmando principalmente com base em movimentos culturais negros de massa que incluem desde as Casas de Minas do Maranhão, os candomblés da

Bahia, as escolas de samba de capitais como Rio Janeiro, São Paulo e Florianópolis, as congadas, moçambiques e outros agrupamentos negros que, por meio dos pagodes, blocos baianos ou carnaval de rua, verbalizam críticas à situação social brasileira. Esse variado movimento vem conquistando reconhecimento político e social principalmente através das políticas de ação afirmativa, influenciando inclusive o campo da educação e da pesquisa (FLEURI, 2003: 21).

A cultura afro-brasileira é caracterizada assim e, construída, pela incorporação das expressões culturais africanas com outras tradições e culturas que formam a identidade brasileira, como a indígena, a cabocla e a europeia.

Tomando banhos de saberes ancestrais

Basta olhar o globo terrestre para percebermos que $\frac{3}{4}$ do planeta terra é coberto por água. Se analisarmos o corpo humano quase 87% de nossa composição é baseada em água. Quase tudo que produzimos na Terra depende da água.

A água está presente na concepção dos seres vivos, os espermatozoides são conduzidos e protegidos pelo líquido seminal e líquido prostático, o feto é gerado e guardado no líquido amniótico (LA), um líquido esse que envolve o embrião, o qual preenche a bolsa amniótica. Ao nascer o recém-nascido é limpo e lavado; ao morrer o ser humano recebe o mesmo processo do nascimento antes ser enterrado.

A água está presente em todas as fases da vida na terra. Sem água não há vida. Foi nela que os primeiros seres unicelulares se dividiram, dando origem a vida no planeta. Durante toda a existência do indivíduo ela está presente e em suas tarefas cotidianas.

A água ajuda a regular a temperatura do corpo, elimina as toxinas por meio da urina e da transpiração, molda o bolo fecal, é usada intensamente no processo de respiração e faz a distribuição de muitos nutrientes pelos diversos órgãos do nosso corpo.

Evidentemente que pela sua importância vai além de ser uma substância química (H₂O) líquida e incolor, insípida e inodora, essencial para a vida da maior parte dos organismos vivos e excelente solvente para muitas outras substâncias; óxido de hidrogênio, ela está também é essencial na ritualística dos povos ancestrais, em especial para os rituais sagrados e como elemento identitário e cultural de um povo, de um quilombo, de uma comunidade tradicional.

A água, quando abençoada, passa a ter um sentido também espiritual. Nas religiões cristãs está presente no sacramento do batismo ou por meio de aspersão seja em objetos ou pessoas tem a função de sacralizar, abençoar o ser ou objeto.

Nas comunidades de terreiros ela faz parte dos rituais de iniciação. Para os povos tradicionais africanos a água está presente massivamente em suas liturgias. Nesse sentido, colocamos em debate essas múltiplas dimensões culturais, tanto para as comunidades quilom-

bolas, quanto para a ritualística das religiões de matrizes africanas.

Aqui, utilizamos o termo “terreiro” com o mesmo significado de Templos afro-brasileiros, Roças, Sítios, Casas de Candomblé, Batuque, Tendras ou Centros de Umbanda, dentre outros nomes utilizados pela maioria das religiões afro-brasileiras para designar o local destinado às suas práticas religiosas.

Pesquisamos com/para/quem

A metodologia utilizada foi uma pesquisa bibliográfica triangulando Candomblé/Umbanda/elemento água. Como fonte de pesquisa, utilizamos da revisão da literatura, assim como da Netnografia. No Programa de Pós-Graduação Profissional em Educação da UFT, trabalhamos com os Estudos Culturais e nesse sentido temas diversos, sujeitos e minorias estão sempre em estudos nas nossas práticas, de forma implicada com os aportes da fenomenologia e a pesquisa implicada e formativa.

In(corpo)ando práticas ritualísticas

Não há vida e sobrevivência no planeta sem água. Assim como não há como se falar em religiões de matrizes africanas, sem discutir as ritualísticas umbandista, candomblecista e também terecozeira, por serem práticas interculturais muito presentes no Tocantins.

Para propiciar esquemas mentais do debate fazemos alguns aportes sobre a origem dessas religiões de matrizes africanas no Brasil.

A Umbanda surgiu por volta do século XIX tendo como base ser uma religião brasileira. Nela mescla-se vários fragmentos de religiões até então conhecidas, onde se detecta fragmentos do catolicismo, do espiritismo kardecista e dos cultos dos povos originários africanos e brasileiros (ROSENFELD, 1993). Já o Candomblé compartilhamos da concepção de Prandi (2001) de que é uma religião trazida com os escravos africanos e amalgamada com o catolicismo por uma necessidade de sobrevivência de seus ritos ancestrais.

É por meio das práticas candomblecistas que se aviva o corpo, mata-se, cura-se, pune, redime e se regozija. A água é captadora de energias, e normalmente é utilizada em rituais de descarrego e de limpeza, bem como também é utilizada para trazer bons fluídos. É utilizada nos banhos de *amací*, preparado de ervas e água, na iniciação dos seus adeptos a fim de preparar o médium para receber as energias vibrantes do terreiro.

O uso da água também está na culinária no preparo de alimentos que são oferecidos às suas divindades e orixás. É ela que lava as guias, os colares usados pelos médiuns durante as sessões, para descarregar os maus fluídos, dentre outros rituais (DA SILVA, 2005).

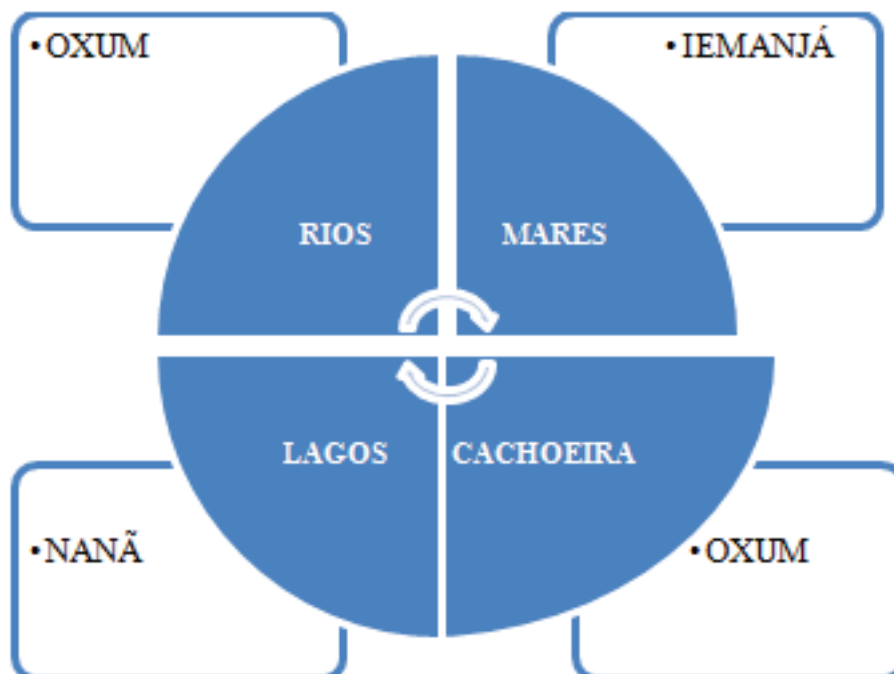
A água em conjunto com os quatro elementos da natureza – água, terra, fogo e ar – representam suas divindades denominadas de orixás, deuses ou ancestrais, em se tratando do Candomblé, e as entidades ou espíritos na Umbanda.

No Candomblé, de acordo com Prandi (2004) os orixás são ancestrais, ou seja, têm grau de parentesco com os mortais e, inclusive, histórias de vida na Terra (*Ayé* ou *Aiye*), foram ancestrais africanos divinizados, que durante sua vivência aqui nesse plano, supostamente adquiriram um controle sobre a natureza. Por influência do espiritismo, na Umbanda acredita-se na existência de entidades que voltam à terra para ajudar os humanos. São chamados de “entidades de trabalho” (espíritos que se transformam em mestres espirituais após a morte de seus corpos).

A partir desse pressuposto observa-se que as divindades e entidades tem nas águas sagradas de cachoeiras, rios e mares sua representatividade essencial, nas religiões de matrizes africanas no Brasil.

No Candomblé, a água está relacionada por intermédio das *Ayabás* (orixás mães rainhas), à fecundidade, riqueza e à feminilidade. Cada um dos Orixás, mostrados na Figura 1, representa uma fonte própria de água como: rios, mares, lagos e cachoeiras. A seguir, trazemos essa representação dos orixás e sua interrelação com as águas sagradas.

Figura 1. Orixás e os estados da água



Fonte: autores.

Os candomblecistas entendem nos vários estados da água a presença do seu Orixá. Enquanto o mar está ligado a Iemanjá, a mina de água tem a força de Oxum e Nanã. No mar doce, encontro de rio e mar, rege Ewá e na chuva Nanã e Oxum. A cachoeira é domínio de Oxum em conjunto com as correntezas que se formam nos rios. Os lagos e lagoas são representadas por Nanã. Nem o orvalho é desprezado, a ele liga-se o orixá masculino Oxalá.

Em cada estágio, a água traz consigo qualidades que vão desde a propriedade cicatrizante como a do mar, passando por limpeza e descarrego no caso da chuva e da cachoeira até chegar no orvalho que traz consigo a calma e a paciência.

Destacamos a água da chuva que cai pura e se torna pesada por atrair vibrações negativas do local por onde passa. Se passa por encruzilhadas impregna-se com as energias das demandas, despachos e trabalhos oferecidos nesse entroncamento.

Na Umbanda muito próximo de Iemanjá cultua-se como rainha das águas **Iara** ou **Uiara**, também referida como *Mãe-d'água e cabocla Janaina*. Além da figura europeia da sereia trazida por Iara, a Umbanda cultua na linha das águas a falange dos Marinheiros, dos Caboclos do Mar e das Calungas do mar. Os marinheiros são organizados por falanges (tropas) sob a égide dos orixás Iemanjá, Nanã e Oxum. Nas falanges são cultuados Exús, Exú da Praia e Pombagiras do Mar e do Cais, além de Marinheiros Caboclos e Calungas do mar. Destaca-se que essas são distintas das falanges mais conhecidas de Exús e Pombagiras ligados ao elemento terra, que atuam em encruzilhadas (CARMO, 2017, SOBRE, 1988).

Manifestações religiosas em Palmas

A população de Palmas é constituída por pessoas de diversas regiões do país. Ao tratar-mos de religiões de matrizes africanas, trazemos uma amostragem preliminar para um comparativo numérico com às demais religiões, pois conforme os dados do IBGE publicados em 2010, os evangélicos somam 22% da população brasileira, que constitui mais de 42 milhões de pessoas. A mesma pesquisa mostrou, também, dados sobre a distribuição da população evangélica nas capitais do país, apontando quais são as mais (e menos) evangélicas do Brasil, e

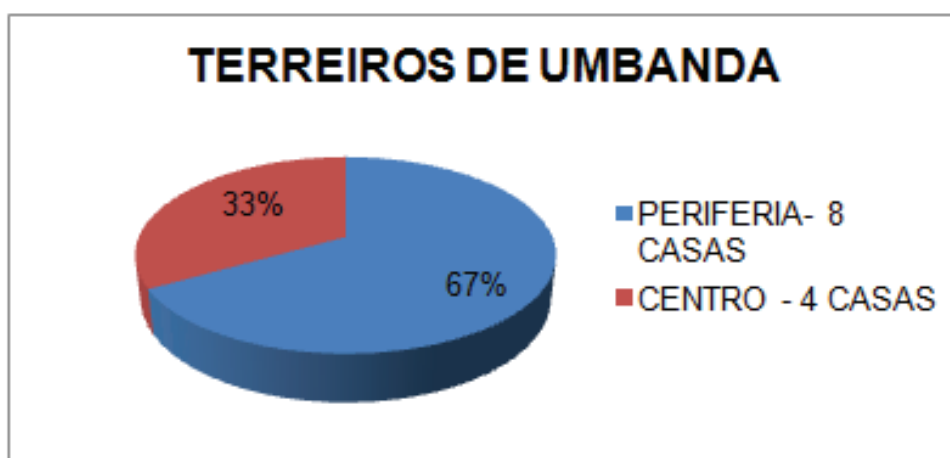
Palmas, capital do Tocantins, aparece no *ranking* da 3ª mais evangélica do país.

Conforme análise da revista Exame (2013) a partir do Censo IBGE (2010) a cidade de São Paulo é a capital com mais evangélicos, com 2,3 milhões. No entanto, se considerada a porcentagem da população, a capital paulista fica apenas em 20º lugar, com 21,88% de evangélicos professos. A capital brasileira com maior percentual de evangélicos é Rio Branco, no Acre, com 39,54% de evangélicos, seguida de Manaus (35,19%), Palmas fica em terceiro lugar (32,77%) e Porto Velho (32,16%). A capital “menos evangélica” do Brasil é Porto Alegre, com apenas 11,65% de evangélicos.

Na amostra sobre as religiões de matrizes africanas, conforme os dados preliminares do IPHAN, possui 19 casas ou terreiros de Umbanda e Candomblé.

Do número total de terreiros, 12 são de Umbanda, conforme o gráfico a seguir:

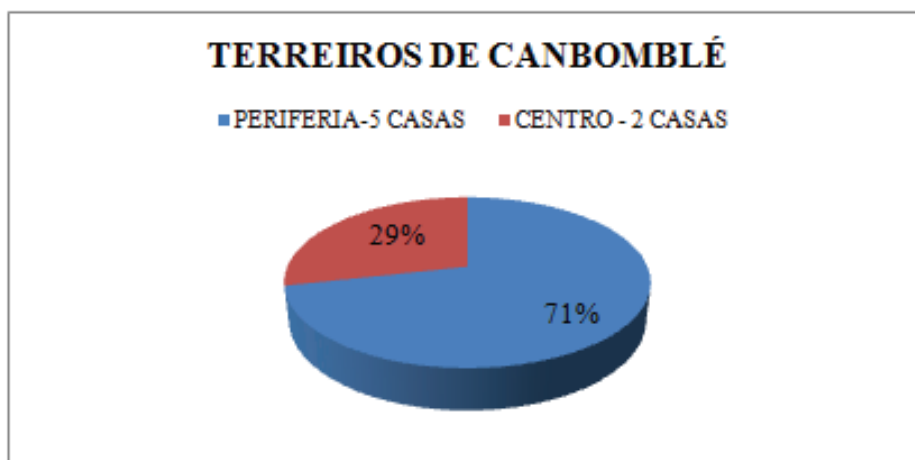
Gráfico 1. Localização dos terreiros de Umbanda em Palmas/TO



Fonte: Pesquisa documental IPHAN (2020).

Em relação as casas ou terreiros de Candomblé são menos numerosos que as da Umbanda, somando ao total 7 terreiros, como se pode verificar no gráfico seguinte:

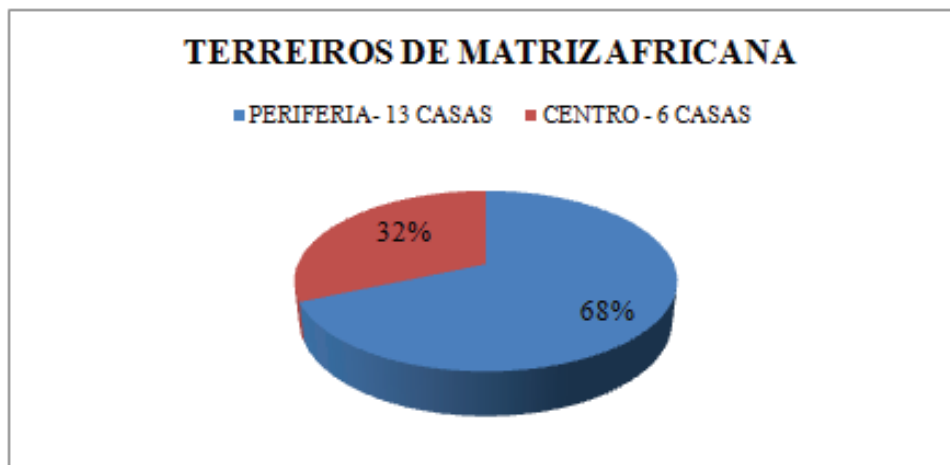
Gráfico 2. Localização dos terreiros de Candomblé em Palmas/TO



Fonte: Pesquisa documental IPHAN (2020).

Quando se verifica os endereços, a localização destes terreiros, observa-se que a maioria estão afastadas do centro da cidade, conforme o gráfico a seguir:

Gráfico 3. Localização geral dos terreiros de Matriz Africana em Palmas/TO



Fonte: Pesquisa documental IPHAN (2020)

Os dados do Gráfico 3 refletem, por outro lado, que estar na periferia representa as condições propícias da ritualística, pois os elementos naturais são importantes no ritual: folhas, rochas e águas.

Uma outra reflexão é que a periferia reflete estar à margem do que é culturalmente aceito como religião. Em Palmas, assim como em outras cidades, é característico, o templo católico estar localizado na área que é considerada central, a exemplo da catedral do Divino Espírito Santo, estar localizada na grande praça dos girassóis ao lado do Palácio do governo.

Outro dado importante para reflexão se refere às ONGs no Tocantins, que segundo o IBGE (2010), de cada 10 ONGs e associações, quase 4 são entidades religiosas, mas aqui não especificamos se possuem vínculo com quais entidades religiosas, se candomblecistas, umbandistas, terecozeira, pajelança, católicas ou evangélicas.

O pequeno número de casas ou terreiros de religiões de matrizes africanas em Palmas, é uma amostra da incidência numérica de algumas religiões sobre outras, que talvez tenha ligação com o fato de em 2015 ter sido anunciado, pela primeira vez, um “Carnaval diferente em Palmas”. Tratava-se, na época, da decisão da Prefeitura Municipal de Palmas sobre a “folia”, passando a ser animada por *shows* cristãos.

De lá pra cá a prefeitura passou a promover *shows* religiosos gospel durante o feriado de Carnaval, com expectativa de público de 180 mil pessoas durante os cinco dias. Foi criado então o evento “Capital da Fé”. Conforme dados da Prefeitura, publicados na mídia, em 2020 foram empregados R\$ 1.151.064,00 com o Carnaval dos chamados cristãos e evangélicos. Outros números se destacam, a exemplo, do maior cachê pago pela Agência Municipal de Turismo no valor de R\$ 170 mil reais a um padre cantor, seguido R\$ 112 mil a um cantor gospel, conforme os dados do Portal da Transparência de Prefeitura de Palmas.

Em 2019, o “Palmas, Capital da Fé”, festival gospel realizado durante o feriado de carnaval na capital do Tocantins, ocupou a mídia e o Judiciário, em função da entrada de um recurso pedindo a suspensão do evento por parte da Associação Brasileira de Ateus e Agnósticos (ATEA), argumentando que o evento teria interesse particular e não cultural.

As igrejas católicas e evangélicas estão organizadas em entidades e associações a exemplo da Ordem dos Pastores Batistas do Tocantins, Ordem dos Ministros do Evangelho de Palmas (OMEP), Conselho de Pastores de Araguaína (COMEARA), além da Arquidiocese de Palmas, da igreja católica.

Outros eventos também se destacam no cenário religioso como o “Adorai” da igreja católica e a “Marcha para Jesus” promovida pelos evangélicos.

As religiões de matrizes africanas em Palmas possuem a Federação das Casas de Culto de Matriz Afro Brasileira (FECCAMTO), criada em 2017, que desenvolve eventos, especialmente, durante a Semana da Consciência Negra.

Fatos importantes para pensarmos sobre o fenômeno religioso em Palmas/TO, foi a posse em 2017, dos membros do Comitê Estadual de Respeito à Diversidade Religiosa do Estado do Tocantins (CEDR-TO), vinculado à Secretaria de Cidadania e Justiça (SECIJU), instituído em 2015, iniciado os trabalhos ainda em 2014.

O CEDR-TO é um “órgão consultivo, deliberativo, propositivo, fiscalizador e de caráter permanente que objetiva favorecer a promoção do direito à diversidade religiosa, o combate à intolerância e a proteção contra violações de direitos humanos por motivação religiosa no Estado do Tocantins”.

Um fato importante nessa narrativa foi a publicação do manual de “Orientações para Regularização das Casas de Religião de Matriz Africana do Estado do Tocantins” pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN, 2015?).

O próprio poder público, que institui a lei não a cumpre e os discrimina uma vez que na prática nem sempre os terreiros são considerados templos religiosos. Essa atitude reflete preconceitos arraigados e se materializa em conflitos de ordem local, estadual e nacional. Racismo, intolerância e preconceito são palavras que passaram a ressoar em diversos fóruns de discussão no cenário nacional e internacional, bem como nos mais variados canais de disseminação de informação, rádio, tv e internet, dentre outros (FILHO e ROCHA, 2019: 4).

Conforme esse órgão o apoio à regularização dos terreiros de religião de matriz africana foi uma das demandas apresentadas pelos dirigentes durante o levantamento preliminar realizado no município de Palmas e aprovado no I Encontro do IPHAN e as Casas de Religião de Matriz Africana realizado Palmas -TO, em maio de 2015. Para o IPHAN,

A legalização do espaço religioso das comunidades tradicionais de matriz africana configura-se como um passo importante na valorização e reconhecimento do seu legado cultural e de suas liturgias, favorecendo a construção de um caminho de respeito às diferenças e a garantia da igualdade, no intuito de tornar concreto e real o Estado Democrático de Direito laico que valorize as diversas tradições e costumes que formam historicamente o nosso país.

As casas religiosas de matriz africana que têm seu território juridicamente reconhecido passam a exercer novos direitos que até então não eram exigíveis, mas em virtude deles, passam também a assumir novos deveres.

Essa escolha deve ser feita livremente pelos membros que compõem a organização religiosa e participem no território sagrado e que não deve ser vista como forma de garantir privilégios pessoais, mas uma maneira de fortalecer sua tradição e construir uma sociedade mais justa e igualitária (IPHAN, 2015, p. 4).

Nossa pesquisa não investigou a efetividade desse objetivo, mas entendemos que a missão do órgão é “promover e coordenar o processo de preservação do Patrimônio Cultural Brasileiro para fortalecer identidades, garantir o direito à memória e contribuir para o desenvolvimento socioeconômico do país”, um trabalho a ser consolidado quando se refere à realidade dos terreiros de religiões de matriz africana em Palmas e no Tocantins.

Entrando em transe intercultural para conclusão

Em todo ritual umbandista, candomblecista, da Pajelança ou do Terecô, interage-se com recursos naturais e ambientais. Desde a preparação da terra para a construção dos locais onde

são realizados os cultos, pois o solo é sagrado, é ele quem dá a licença inicial para os ritos sacramentais na religião de matriz africana, até as festividades periódicas que acontecem nos terreiros, os filhos de santos estão sempre agindo com estes elementos da vida no planeta.

Ao investigarmos a importância dos elementos da natureza nas religiões de matriz africana é inegável a importância da água na sua ritualística uma vez que seu manejo como ritual implica em manifestações da ordem do emocional, fazendo uma simbiose humano-divindade-orixá.

A água está presente em todas as culturas religiosas como força ritualística e catalizadora de energia.

Estes são aportes iniciais no entorno da diáspora africana que acontece no Brasil e em Palmas, para fazer uma provocação aos pesquisadores: apreender o patrimônio cultural dos negros iorubás ou nagôs, da encantaria amazônica, sem suplantando as suas tão variadas diversidades que constitui a “cultura amazônica” formada de muitas culturas, padrões de comportamento, de crenças, de valores espirituais e materiais transmitidos coletivamente e característicos dos ritos de seus povos originários, seus pajés, seus sujeitos ancestrais, caboclos da floresta com suas lendas, danças, feitiços, visagens, mães-d’água, curupiras, caruanas, matintaperera e sua pajelança amazônica e indígena.

Precisamos articular nossas falas, dizeres e fazeres, sejam dos pesquisadores em educação, dos pesquisadores negros e quilombolas, sejam dos demais pesquisadores dos estudos culturais. Vamos nos implicar mais e mais com/os/as outros e outras caboclos (as), povos da floresta, as travestis indígenas, as mulheres negras quilombolas, seringueiros, castanheiros, mulheres quebradeiras de coco-de-babaçu, as lésbicas e as travestis, as comunidades de fundo de pasto, faxinalenses, pescadores artesanais, as marisqueiras, ribeirinhos dos igarapés do Pará, do rio Tocantins, do rio Araguaia, do rio Amazonas, varjeiros, caiçaras, praiheiros, sertanejos, jangadeiros, ciganos, juqueiro, açorianos, campeiros, varzanteiros, pantaneiros, geraizeiros, açazeiros, veredeiros, caatingueiros, retireiros do Araguaia, considerando os recortes geracionais, de etnia, raça, gênero, religiosidade, ancestralidade, orientação sexual e atividades laborais, bem como a relação desses com seu povo ou comunidade, sua ancestralidade, sua religiosidade, sua vida. Vivamos! Axé!

Referências

ANDRADE, Marcelo. (Org.). **Diferenças silenciadas**: pesquisas em educação, preconceitos e discriminações. RJ; 7Letras, 2015.

CARMO, J. **O que é Candomblé**. Brasiliense, 2017.

CONAQ. Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras e Rurais Quilombolas. **Racismo e violência contra quilombos no Brasil**. 2018.

FILHO, Valtuir Soares e ROCHA, J. Damião T. **Candomblé**: tradição e resiliência rumo a sustentabilidade, há espaço na agenda ODS 2030? In: ANAIS XXI ENGEMA/USP, 2019.

FLEURI, Reinaldo Matias. **Intercultura e educação**. In: Revista Brasileira de Educação, nº 23, maio/jun/jul/ago, 2003.

DA SILVA, Vagner Gonçalves. **Candomblé e umbanda**: caminhos da devoção brasileira. Selo Negro, 2005.

IPHAN. INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. **Orientações para Regularização das Casas de Religião de Matriz Africana do Estado do Tocantins, [s.d.]**. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Orienta%C3%A7%C3%A3o%20para%20Regulariza%C3%A7%C3%A3o%20das%20Casas%20de%20Religi%C3%A3o%20de%20Matriz%20Africana%20de%20Tocantins.pdf>. Acesso em: 26 mar 2020.

MAIA, Marcos. ROCHA, J. Damião. T. **A fenomenologia na pesquisa em educação**: um olhar sobre a etnometodologia e etnopesquisa crítica. In: Revista Atos de Pesquisa em Educação (FURB), v. 11, p. 718-736, 2016. <http://proxy.furb.br/ojs/index.php/atosdepesquisa/article/view/5543>. Acesso em 15/12/2018.

PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos Orixás**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

PRANDI, Reginaldo. O Brasil com axé: candomblé e umbanda no mercado religioso. **Estudos avançados**, v. 18, n. 52, p. 223-238, 2004.

RANCIÈRE, Jacques. **O ódio à democracia**. São Paulo: SP: Boitempo, 2014.

RANCIÈRE, Jacques. **O desentendimento**: política e filosofia. 2 ed., São Paulo: SP: Editora 34, 2018.

ROCHA, J. Damião T. MAIA, Marcos. A pesquisa implicada de inspiração fenomenológica para estudos in situ de/com sujeitos sociais da diversidade sexual e de gênero. RECH - **Revista Ensino de Ciências e Humanidades**- Cidadania, Diversidade e Bem-Estar (UFAM), v. 1, 2017. periodicos.ufam.edu.br/rech/article/download/4740/3846/. Acesso 29/12/2018.

ROSENFELD, Anatol. **Negro, Macumba e Futebol**. São Paulo: Edusp, 1993

REVISTA EXAME. **As capitais mais (e menos) evangélicas do Brasil, 2013**. Disponível em:< <https://exame.abril.com.br/brasil/as-capitais-mais-e-menos-evangelicas-do-brasil/>> Acesso em: 26 mar 2020.

SODRÉ, Muniz. **O terreiro e a cidade: a forma social negro-brasileira**. Petrópolis: Vozes, 1988.

Recebido em 02 de abril de 2020.

Aceito em 15 de junho de 2020.